

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

12 e 30 de Setembro de 2025

MALAMOR/Tainted Love

REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA

MULTIPLE MANIACS / 1970

Um filme de John Waters

Argumento, produção, direção de fotografia (16 mm, preto & branco) e montagem: John Waters / Efeitos especiais: Ed Perario / Cenários e figurinos: Vince Perario / Música: George Clinton / Som: não identificado / Interpretação: Divine (Lady Divine)m David Lochary (Mr. David), Mary Vivian Pearce (Bonnie/uma espectadora), Mink Stole (Mink/uma espectadora)), Cookie Muller (Cookie Divine/um mecenás do espetáculo), Edith Massey (Edith/a Virgem Maria), Michael Renner Jr. (o Menino Jesus de Praga), Susan Lowe a perversa no espetáculo), Ricky Monow (Ricky), Howard Gruber (Gilbert), Vincent Perano e Ed Perano (Lobstora, a lagosta gigante) e outros.

Produção: Dreamland (Baltimore) / Cópia: digital (transposto do original em 16 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 96 minutos / Estreia mundial: Baltimore, 10 de Abril de 1970, num templo da Igreja Unitária / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

O filme é apresentado em duplo programa com ALVORADA VERMELHA (2011), de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata (“folha” em separado)

Multiple Maniacs (Douglas Sirk dizia que um filme começa pelo seu título e este é bastante eloquente...) é o quinto filme de John Waters, a sua segunda longa-metragem e o seu primeiro filme sonoro. É uma obra realmente *trash* e radical, que obviamente não foi pensada para qualquer espécie de circuito comercial, tendo sido mostrada à época nos circuitos paralelos, tornando-se rapidamente um filme de culto. Da maneira mais wateriana possível, **Multiple Maniacs** teve a sua estreia mundial numa igreja Unitária de Baltimore (os Unitários são um ramo do protestantismo, que recusa a ideia da Trindade), num total de nove sessões e foi proibido na cidade natal do realizador até 1981, quando foi autorizado em algumas sessões à meia-noite, num veredito que não destoaria num dos seus filmes. Pouco depois teve a agradável notícia de que um distribuidor de filmes alternativos, a Art Theater Guild, escolhera **Multiple Maniacs** para distribuição em sessões de meia-noite em dezasseis cidades, entre as quais Londres e Los Angeles. Em São Francisco o filme tornou-se um verdadeiro triunfo no célebre North Beach Palace Theater, com uma performance do célebre grupo drag The Cockettes antes de cada apresentação, adornada pela presença, como guest star, de Divine, a anti-diva de Waters.

Para os eventuais neófitos em relação à obra de Waters, lembremos que ele não conheceu Divine, né(e) Glenn Milstead, em algum “antro” de *freaks*, mas no início da adolescência no bairro médio burguês onde ambos viviam em Baltimore, cidade que o realizador definiria como “uma mistura de velhas famílias e ralé branca; quando se encontram há uma deflagração”. Eis o que se passou: “Da primeira vez que reparei nele, ele estava a esperar o autocarro escolar. Vivia numa rua vizinha à nossa, de modo que era «the girl next door». Ele nada tinha de flamejante. Tentava ser normal e entrosar-se, mas era chateado e vítima de agressões físicas diárias pelos outros miúdos. Porque segurava os livros escolares como uma miúda. Eu olhava para aquela criatura com o cabelo pintado de ruivo a esperar o autocarro e via o meu pai estremecer. Sem motivo! Pensei: «Bestial! Ele irrita o meu pai pelo simples facto de esperar um autocarro”. O encontro decisivo entre ambos se deu quando Waters estava à procura de uma *leading lady* para a sua primeira longa-metragem, **Mondo Trasho** e viu aquele obeso travesti dançar um *dirty boogie* num clube qualquer: “Percebi que tinha encontrado a minha deusa”. Foi Waters que escolheu o nome artístico do seu amigo, porém não em homenagem ao protagonista de *Notre-Dame des Fleurs*, de Jean Genet, como disseram alguns. Quando Divine morreu subitamente de apneia em 1988 Waters declarou: “Nem me lembro como me ocorreu esta alcunha. Deve ter algo a ver com a minha educação católica. Divine consultou a

palavra no dicionário e pareceu satisfeita. Parecia concordar modestamente que era divina". No entanto, inicialmente Waters dera-lhe a alcunha, talvez mais divertida, de Roman Candles, por influência do grupo que girava à volta de Andy Warhol, pois "as pessoas tinham nomes assim nos filmes underground".

O ponto de partida de **Multiple Maniacs** foram os crimes da "família" de Charles Manson, o mais célebre dos quais, em data de 8 de Agosto de 1969, foi o massacre, a facadas, de cinco pessoas numa mansão em Beverly Hills alugada por Roman Polanski, que se encontrava então na Europa. Um homem e três mulheres penetraram sem dificuldades na mansão (outros tempos) e depois de fazerem *récordes* começaram a matança. Sharon Tate, atriz e mulher de Polanski, estava grávida de mais de oito meses e a sua assassina, Susan Atkins, declararia em tribunal que tivera orgasmos ao apunhalá-la, enquanto gritava "*I have no mercy on you bitch*", antes de escrever *Pigs* numa parede com o sangue da vítima.

Waters realizou **Multiple Maniacs** quando os assassinos e o seu mentor já tinham sido presos e identificados. "Pensei que se os homicidas nunca fossem agarrados, talvez sempre houvesse a possibilidade de que Divine realmente tivesse cometido aqueles crimes. Eu queria meter medo ao mundo. Tentávamos fazer o que a família Manson fez, porém com uma câmara. Percebe-se a ira, que era muito anti-hippie. Havia então uma espécie de guerra cultural. Eram os anos dos Yippies na política, com ações contra o governo por parte de pessoas como Abbie Hoffman. E toda este radicalismo Yippie era feito de modo teatral, o que certamente influenciou a minha maneira de ver o terrorismo. Tudo o mais era «peace and love». Estas pessoas sempre me deram nos nervos, embora eu nunca tenha sido violento". O título é, por sinal, uma alusão a **Two Thousand Maniacs** (1964), de Herschell Gordon, em que um grupo de pessoas é atraído a uma pequena cidade, onde serão mortas, uma a uma.

Multiple Maniacs é, de facto, de uma extrema violência e está a milhas da atitude *camp* e bem-humorada do futuro cinema de Waters, que começa com **Female Trouble** em 1974, dois anos depois do filme que encerra a fase realmente *trash* do realizador, **Pink Flamingos**, com a sua célebre cena de coprofagia, oficialmente feita sem trucagens e o seu título que é uma possível agressão ao poético **Pink Narcissus**, em que o prazer (homo)sexual é sublimado, quando Waters buscava nesta época o máximo prosaísmo. Tudo se passa num pequeno circo num subúrbio de Baltimore, onde é apresentada a Lady Divine's Cavalcade of Perversion, que pode ser visto como uma metáfora do próprio cinema de Waters. Há uma mulher que lambe o selim de uma bicicleta, um homem que injeta droga para a veia, um Comedor de Vómito que faz exatamente aquilo que o seu nome indica e no fim do espetáculo os *performers* roubam o dinheiro, as joias e as drogas do público. *The show goes on* fora da tenda do circo. Divine convence um interlocutor que fora ela a assassina de Sharon Tate, é violada por um travesti de barbas, antes de encontrar o Menino Jesus de Praga (representação do Cristo como uma criança de cerca de quatro anos, aqui encarnado por um adulto), que a leva para uma igreja, onde ela se converte diante dos milagres de Cristo, entre os quais a distribuição de atum enlatado entre os pobres. Encontra uma prostituta religiosa (Mink Stole, com nome artístico warholiano e uma das divas de Waters) que "subitamente insere um rosário numa das partes mais privadas do meu corpo" no interior da igreja. A impostura de Divine é revelada e depois de alguns homicídios, ela é violada por uma lagosta gigante, identificada no genérico como Lobstora, naquela que é a cena mais célebre e memorável do filme (note-se os sapatos dos dois homens enfiados na fantasia de lagosta), antecipando certos recursos próximos da banda-desenhada que Waters utilizará de futuro. É Waters em estado bruto, que vocifera, quando no futuro saberá rir e fazer rir. Embora tenha declarado publicamente - e, esperemos, hipocritamente - que muito se arrependia da cena de sexo na igreja, Waters sempre se declarou satisfeito com esta *celluloid atrocity* (a expressão é dele), que considerou durante muito tempo, com razão, como um dos seus melhores filmes e que o crítico do *Los Angeles Times* definiu à época com as seguintes palavras: "O seu violento humor negro ultrapassa tudo o que já foi feito até agora no cinema. Só pode ser comparado a **Freaks**".

Antonio Rodrigues